**TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS NOS DIFERENTES ESPAÇOSTEMPOS EDUCATIVOS, PROCESSOS FORMATIVOS E FRENTE ÀS DESIGUALDADES SOCIAIS**

**PROCESSOS FORMATIVOS DE TRADUTORAS/INTÉRPRETE DE LIBRAS-PORTUGUÊS: UM BREVE PANORAMA A PARTIR DAS NARRATIVAS DESSAS PROFISSIONAIS**

Vanessa José R. do N. Mandriola

Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES

Universidad Nacional de Rosario - UNR

vanessamandriola@gmail.com

Tiago Ribeiro

Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES

tribeiro@ines.gov.br

Este texto é resultante de uma pesquisa de doutoramento ainda em curso, desenvolvida no contexto do curso de doutorado do Programa de Investigação Narrativa e (Auto)biográfica, da Universidade Nacional de Rosário, na Argentina. Apesar de se vincular a um programa argentino, a investigação tem como objetivo central compreender como vem acontecendo a formação do profissional tradutor/intérprete de Libras/ Português no Brasil, país onde a ação investigativa é desenvolvida e onde vive e atua a pesquisadora. Trata-se de uma investigação narrativa que lança mão da conversa como metodologia de pesquisa, a fim de se aproximar de sentidos criados por tradutores/intérpretes acerca de suas trajetórias formativas e profissionais. Que saberes, princípios e eventos formativos suas falas revelam?

Palavras-chave: Tradutor/intérprete de Libras-Português, processos formativos, narrativas, conversa como metodologia de pesquisa

A profissão de tradutor/intérprete de Libras, no que tange ao seu fazer técnico, é antiga, ainda que por muito tempo sem regulamentação legal nem clareza quanto à sua natureza. Por muitos anos, não existia dispositivo de Lei ou similar que elucidasse a natureza dessa profissão, seus objetivos, responsabilidade e carreira. Isso, associado ao fato de que ela se relaciona com uma língua minoritária e singular (porque visual), concorre para o pouco reconhecimento e valorização profissional desses sujeitos (Albres, 2015).

Historicamente, devido à comunidade que o profissional atende (majoritariamente a comunidade surda), esses sujeitos profissionais vêm sendo pouco valorizados, também como marca do ouvintismo que opera sobre os corpos surdos e suas manifestações culturais. Nesse sentido, não é incomum ver intérpretes de Libras/Português serem tratados meramente como instrumentos para a acessibilidade linguística, sem a devida estrutura de trabalho. Os problemas são muitos, mas também a importância do trabalho. São esses profissionais que têm garantido a acessibilidade linguística ao surdo, seja na escola, no hospital ou em diferentes espaços sociais.

Para se ter uma ideia, apenas em 2023 a profissão teve sua regulamentação aprovada em Lei, diante de forte pressão da categoria e da comunidade surda com a revisão de Lei de 2010, para que os direitos linguísticos dos surdos pudessem ser assegurados, bem como os direitos dos profissionais em questão. O referido dispositivo legal traz pontos importantes e esclarece sobre a natureza da profissão.

No entanto, o dispositivo legal é resultado de um processo mais amplo e complexo que ganha sentido quando nos aproximamos dos relatos e narrativas desses próprios profissionais. Assim, nos perguntamos sobre como tais processos formativos têm sido vividos por Tradutoras/Intérprete de Libras-Português (TILSP). O que narram sobre esse percurso e sobre sua atuação?

Para tal, lançou-se mão das rodas de conversa, nas quais colegas TILSPs partilharam suas experiências. São dispositivos metodológicos que permitem que a palavra circule, os relatos aconteçam, as narrativas sejam escutadas e os sujeitos possam afirmar suas vozes, experiências e dar a ver seus percursos. Assim, munidos de caderno de campo e gravadores, lançamo-nos à conversa. Trata-se de um gesto investigativo que, conforme orienta Ribeiro (2019), requer cuidado e um exercício permanente de abertura e atenção para não perdermos a generosidade e a capacidade de escuta necessária ao pesquisar. Em outras palavras: investigar conversando engloba um exercício de olhar sem ter já produzida a imagem que veremos, (sem classificar, ou fazer juízos prévios), sem ter já cartografados os mapas e caminhos a percorrer, sem silenciar as múltiplas vozes dos sujeitos envolvidos na pesquisa, nos mais variados papéis (RIBEIRO, 2019).

A narrativa nos propicia falar a partir das experiências vividas nos, dos e com os cotidianos Alves (2008) sobre lugares, processos e situações específicas que, em certas circunstâncias, apenas aquela pessoa viveu. Portanto, sublinhamos a relevância de relatar experiências, compartilhar narrativas sobre os processos formativos, tendo como base as perguntas que nos acompanham: Por que você é intérprete de Libras? Como faz para ser intérprete de Libras? Você tem surdos na família?

Deste modo, tendo as questões como mote, é possível refletir sobre as partilhas apresentadas. A narrativa, conforme Suárez (2012), com inspiração (auto)biográfica, possibilita considerar o sujeito ativo do seu próprio processo da pesquisa-formação. Compartilhar relatos de experiências na perspectiva das narrativas pode contribuir na construção de novos saberes (Ribeiro, 2020). Quando essas narrativas são de profissionais que experienciam e vivem, no dia a dia, os desafios e possibilidades, novas frestas para entendimentos se abrem, pois são os próprios sujeitos que relatam, narram sobre seus movimentos, o que, em alguma medida, revela uma dimensão decolonial no trabalho com as narrativas (Porta, 2020).

Ao nos debruçarmos sobre as narrativas compartilhadas por Tradutoras/Intérpretes, percebemos que há, aí, histórias, experiências e sentidos de vida-formação que precisam ser contados, ouvidos e escritos, pois podem desvelar caminhos que são enveredados ao longo da vida-formação por cada indivíduo em sua singularidade. Que sentidos expressam tradutores/intérpretes de libras-português sobre sua formação? Que ensinamentos suas/nossas narrativas (auto)biográficas nos dão sobre essa profissão e seus desafios éticos, políticos, estéticos e práticos?

Dessa forma, revisitar memórias é também tencionar os sentidos de uma biografia, individual e/ou coletiva, de uma trajetória, de uma vida-formação (Bragança, 2009), de um processo formativo... E tudo isso traz muitas perguntas. Para realizar tal investigação, as rodas de conversa foram fundamentais e assumidas como dispositivo metodológico que possibilitam a partilha horizontal da palavra e a vivência da conversa como forma de pesquisa e formação. Como dispositivos metodológicos, foram utilizados os seguintes: caderno de campo, chamadas virtuais na plataforma do Google Meet, gravações de encontros virtuais/presenciais, e-mails, entre outros.

Ainda não foi possível identificar o que essas narrativas revelaram enquanto natureza e desafios da profissão, pois estamos fase de análise das narrativas, contudo compreendemos a importância que cada colaborador pode trazer a partir de suas experiências, pois acreditamos conforme orienta Ribeiro (2019), sob provocações de Larrosa (2014), que vivemos em um contexto que pensar o educativo (digo: os processos formativos do ser sendo) requer cuidado e um exercício permanente de abertura e cuidado para não perdermos a generosidade e a atenção necessária ao investigar, o que significa dizer: que precisamos, conforme os autores, fazer um exercício de olhar sem ter já produzida a imagem que veremos, (sem classificar, ou fazer juízos prévios), sem ter já cartografados os mapas e caminhos a percorrer, sem silenciar as múltiplas vozes dos sujeitos envolvidos na pesquisa, nos mais variados papéis (Ribeiro, 2019).

Referências

ALVES, N. **Decifrando o pergaminho - o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas**. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (orgs.). Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

BRAGANÇA, Inês F. S. **Histórias de vida e formação de professores/as**: diálogos entre Brasil e Portugal. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade de Évora, Portugal.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica. 2014.

RIBEIRO, T. **Por uma alfabetização sem cartilha**: narrativas e experiências compartilhadas no fórum de alfabetização, leitura e escrita da UNIRIO 195f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, 2019.

RIBEIRO, T.; SAMPAIO, C.S. **Conversa, partilha e formação docente**: o fórum de alfabetização, leitura e escrita (fale). Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp., Salvador, v. 29, n. 57, p. 203-218, jan./mar. 2020.

SUÁREZ, D. **Narrativas, autobiografías y formación en Argentina. Investigación, formación y acción entre docentes**. In: SOUZA, E.C. de.; BRAGANÇA, I.F. de S. (Orgs.). Memória, dimensões socio-históricas e trajetórias de vida. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EdiPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012. p. 57-94. (Coleção Pesquisa (Auto)biográfica: temas transversais).